

Manifesto sobre as Linhas Orientadoras da Revisão Curricular Ministério da Educação, 2002

JOSÉ FERREIRA GOMES¹

O ENSINO EM PORTUGAL É MAU! É ESTA A avaliação internacional^{1,2}. O Senhor Ministro fala do atraso para que convergem os inúmeros e recorrentes diagnósticos. Todos os países desenvolvidos e, nomeadamente, os europeus se preocupam com a melhoria do nível de formação científica da sua população. E, em Portugal, que reforma nos é proposta? Uma revisão curricular em que mesmo um aluno de Ciências e Tecnologias pode fazer todo o seu percurso do Ensino Secundário sem ter tido alguma vez contacto com a Física, a Química, a Biologia, ou a Geologia! Vamos produzir o perfeito bom selvagem pronto a receber depois as primeiras impressões de um mundo que começou a existir à sua volta há já seis séculos.

Como sugere um dos nossos associados, o ensino é como o corpo humano, vai resistindo a muitas borracheiras mas um dia vai “bater a bota”! Será que a baixa de competitividade acompanhada das sequelas económicas e sociais a que estamos a assistir é já um sinal de que nos aproximamos deste “juízo final”?

Será este caminho e este destino final inevitável? Nos últimos 40 anos, Portugal fez um tremendo investimento no desenvolvimento da educação da população na tentativa de recuperar um atraso que vem (desde antes) do século

XVIII. Expandiu o seu sistema de ensino, conseguiu formar rapidamente um grande número de professores, construir novas escolas e equipá-las e os resultados, ainda que insuficientes, estão à vista. Em todos os níveis do ensino entramos agora num ciclo de consolidação em que a melhoria da qualidade é a grande prioridade. Estamos todos de acordo quanto a isto. O próprio documento posto a discussão pública faz-se eco destas realidades e preocupações. E, contudo, vemos sinais negativos preocupantes nesta proposta.

1. Depois de um grande esforço continuado para melhorar a formação experimental dos alunos (o que todos concordam ser crucial quer para aqueles que desejam entrar directamente no mercado de trabalho, quer para aqueles que têm a intenção de prosseguir estudos superiores) conseguimos formar os professores (com um grande esforço e empenho pessoal) e conseguimos construir laboratórios e dotá-los de equipamentos que são, em muitos casos, de excelente qualidade. Que nos propomos fazer agora, depois de todo este esforço? Simplesmente ir noutra direcção (que ninguém explicita) e extinguir as Técnicas Laboratoriais e, eufemisticamente, tornar as disciplinas científicas “opcionais”. É esta a grande inovação da revisão curricu-

lar agora proposta. Mas vai-se mais longe: extinguem-se os cursos tecnológicos de Química e Mecânica quando as escolas estão agora bem equipadas com recursos materiais e humanos e nada é dito que o justifique. Será que se pretende afastar Portugal destes sectores de actividade onde toda a Europa tem um papel tão importante? Não vimos o Senhor Ministro defender tais alarvidades. Muito pelo contrário, fala no aumento da qualidade das aprendizagens e na capacidade de pensar cientificamente os problemas. Temos de concluir que se trata de um erro produzido por uma organização burocrática do Ministério da Educação que escapou ao seu controlo político.

2. Vamos dar uma resposta inequívoca aos desafios da sociedade da informação e do conhecimento! Será que o caminho apontado de colocar mais uma disciplina, contratar mais uns tantos professores (enquanto outros são postos em “horário zero”...) e fazer os alunos esperar pelos 16 anos para começarem a conhecer os produtos comerciais mais em voga é o mais eficaz para atingir este objectivo? Considerando a heterogeneidade de aptidão dos alunos, uma disciplina formal introduzida neste ponto do percurso não passará de umas generalidades de escritório electróni-

¹ Presidente da Sociedade Portuguesa de Química.

co que pouco têm a ver com a sociedade da informação e nada, mesmo nada, têm a ver com a sociedade do conhecimento. Poderá conseguir formar um dactilógrafo electrónico mas completamente analfabeto no conhecimento científico. Não seria possível introduzir mais cedo, curricularmente ou extra-curricularmente, este contacto com as práticas correntes de escritório digital e reforçá-las aqui de forma contextualizada nas disciplinas científicas que faltam na grelha proposta? Naturalmente que uma introdução mais formal e mais séria às TIC é necessária mas só para aqueles alunos que pretendem tomar este rumo profissional (imediatamente ou através do Ensino Superior) e que já tenham atingido um nível de formação apropriado nas ciências experimentais.

3. É preciso passar de forma muito clara a mensagem a todos os nossos jovens que considerem uma formação superior numa área de ciência ou tecnologia que uma formação básica sólida em Física, Química e Biologia (para além da Matemática) é um pré-requisito em qualquer lugar civilizado. Também o é em Portugal! Não poderá ser uma opção. Poder-se-á pretender passar esta responsabilidade para as instituições de Ensino Superior através das condições de acesso. Nada de mais falso. A experiência está feita e não resulta e não pode haver conjectura ou teoria que substitua uma boa experiência. E muito menos uma simulação no computador... Pressionadas pela necessidade de atrair alunos, todas as instituições de Ensino Superior têm condescendido em relaxar as suas condições de acesso abaixo do razoável. Considerando as opções dos alunos numa fase ainda distante, a introdução de outros requisitos signi-

ficaria a extinção de muitos cursos, em alguns casos de cursos muito importantes e necessários para a formação de uma população capaz de acompanhar um desenvolvimento económico que todos desejamos.

4. Todos concordamos com a necessidade de expor os alunos a experiências transversais que atravessem as fronteiras tradicionais das disciplinas. A introdução de uma área de projecto terá esta intenção muito louvável mas não pode ser feita à custa das disciplinas de introdução à experimentação laboratorial. Já se fez a bela experiência da Área Escola e teremos de aprender com os nossos erros. Não seria possível pedir às escolas que no seu projecto de formação incluam actividades de cooperação entre as disciplinas com o objectivo de passar a mensagem de que o mundo não está repartido pelas áreas disciplinares que constam do seu horário e preparar o aluno para analisar e tratar cientificamente uma situação concreta, em geral muito mais complexa que os exercícios escolares com que é treinado?
5. (And last but not least) temos de rapidamente profissionalizar a função de professor! É injusto para a maioria dos nossos professores que Portugal apareça na cauda da OCDE³ no número de horas de dedicação que são requeridas aos nossos professores. Há vinte anos, este problema era partilhado pelo Ensino Superior e a situação na vizinha Espanha não era diferente. A situação mudou, embora ainda haja um caminho a percorrer. Criadas as condições e criados os estímulos (especialmente os de reconhecimento social) podemos mudar a situação e dar aos nossos professores a imagem verdadeira de dedica-

ção aos seus alunos e à sua escola. Isto não era possível na fase de crescimento explosivo, mas temos hoje a possibilidade de criar condições de trabalho razoáveis que permitam aos bons professores (e são a maioria) fixar-se na sua escola e dedicar-se às diversas vertentes da sua profissão. Acabe-se com a velha "sala dos professores" e teremos um salto nas aprendizagens e na educação dos nossos jovens.

Pelas razões apontadas, a SPQ solicita ao Senhor Ministro que evite apressadamente empobrecer ainda mais a formação científica e tecnológica (incluindo a cultura laboratorial) dos nossos jovens. Por favor, prolongue a suspensão da reforma curricular, ordene estudos do mercado de trabalho e estudos de benchmarking internacional, ponha então à discussão pública os resultados destes estudos e daí será fácil de extrair uma revisão curricular que introduza as necessárias melhorias do nosso sistema. No imediato, por favor, suspenda a eficácia dos novos programas de 10º ano recentemente divulgados e mantenha ainda os programas antigos, incluindo as Técnicas Laboratoriais de Química (de Física, de Biologia, etc).

Todos juntos, vamos melhorar a formação científica e tecnológica dos nossos jovens, aproveitar melhor os meios humanos e materiais que já estão nas nossas escolas e teremos um ensino mais barato e melhor!

Notas

¹ Portugal: Selected Issues, International Monetary Fund, Washington, D.C., Nov.1999;

² Education at a Glance, OECD, Paris, 2002 e edições precedentes;

³ Education at a Glance, OECD, Paris, 2002, Tab. D7.1, pag.349.